



O PAPEL DA SAÚDE NA SOCIEDADE CAPITALISTA: COMO A MEDICINA CONTRIBUI NA REPRODUÇÃO DO CAPITAL



Victor Vilela Dourado

Orientador: Gastão Wagner de Sousa Campos

Faculdade de Ciências Médicas, Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, Campinas, SP, Brasil.

1. INTRODUÇÃO

Nas lutas no campo da saúde nos deparamos com a seguinte questão: Qual seria o papel da saúde na sociedade em que vivemos e em que aspectos ela contribui para a reprodução dessa formação social?

Não nos detemos em afirmar que a medicina assume novos contornos na formação social capitalista, mas buscamos desenvolver em que aspectos ela contribui na manutenção e reprodução da sociedade Capitalista, ou seja, em que aspectos (econômicos e ideológicos) contribui na manutenção da ordem burguesa.

Essa pesquisa é de extrema importância para compreendermos o desenvolvimento histórico da conformação dos serviços de saúde no Brasil e suas transformações, o entendimento do papel exercido pela medicina nos ajuda a entender as transformações decorrentes da reforma sanitária, a criação e implementação do SUS e, acima de tudo, para a compreensão da realidade atual, ou seja, os caminhos percorridos pelo sistema de saúde brasileiro nos últimos 20 anos e a atual conjuntura da saúde.

2. METODOLOGIA

O presente estudo foi realizado a partir de revisão bibliográfica de livros, teses e artigos de autores que estudam o papel dos serviços de saúde na sociedade capitalista, havendo compilação de dados e síntese dos mesmos para se chegar a conclusões concretas.

3. DISCUSSÃO

Iniciamos nossa pesquisa no debate sobre o papel que a medicina exerce em uma sociedade de classes. Ao analisarem o tema, alguns autores tendem a considerar que a medicina exerce um papel de neutralidade nessa sociedade, enquanto outros tendem a considerá-la reprodutora do sistema em que vivemos.

A medicina tende a revestir-se de um caráter de neutralidade, pois diferentemente de outras práticas sociais, ela existe historicamente, ou seja, não foi instituída no sistema capitalista, já existindo anteriormente, o que revestiria tal prática de uma aparente autonomia e a tornaria inteiramente independente de articulações econômicas e político-ideológicas. Segundo essa concepção o desenvolvimento da medicina ocorreria devido à evolução progressiva e linear da produção científica da área de saúde e em benefício do “coletivo”, obviamente sem especificar quem seria esse “coletivo” e desconsiderando divergências e antagonismos de interesses na sociedade atual.

No decorrer da pesquisa nos identificamos com os teóricos que buscam romper com a concepção de neutralidade e analisam as especificidades assumidas pela prática médica sob o Capitalismo. Segundo nossa análise, apesar de ter se constituído anteriormente ao sistema capitalista, a medicina assume especificidades na sociedade de classes que a diferencia das práticas pré-capitalistas.

Quando analisamos os mecanismos pelos quais a medicina reproduz a sociedade Capitalista é importante entendermos que o Capitalismo, ou qualquer outra formação social, para sobreviver, precisa garantir a reprodução de suas condições de produção, ou, em outras palavras, a reprodução de seu modo de produção, a maneira como organiza a produção de tudo o que é necessário para sua sobrevivência e desenvolvimento. Entendendo que o modo de produção é constituído pela unidade das forças produtivas e das relações de produção, podemos concluir que a sobrevivência e desenvolvimento de uma formação social depende da reprodução de suas forças produtivas - meios de produção e força de trabalho - e da reprodução de suas relações de produção. (ALBUQUERQUE, 2009).

Uma tentativa de síntese da lógica que permeia essa pesquisa seria a seguinte: “[...] Nas formações sociais Capitalistas, cabe à Medicina, em sua participação orgânica ao metabolismo geral deste modo de produção, participar

diretamente da produção de Capital, da reprodução dos meios de produção e das relações de produção. Pode-se dizer que, no Capitalismo, a função precípua da Medicina seja reproduzir força de trabalho, e secundariamente contribuir para a reprodução da ordem.” (ALBUQUERQUE, 2009)

Segundo a visão dos autores que afirmam o papel da medicina como reprodutora da sociedade capitalista, a influência do Capitalismo na organização e distribuição da saúde se faz sentir de diversas formas. Numa tentativa de simplificar e sistematizar essa influência, sem a pretensão de compartimentalizá-las ou de restringi-las aos exemplos citados, podemos afirmar que a prática médica assume funções sociais básicas, tais como: (1) Normatização; (2) Contenção Social; (3) Reprodução da força de trabalho; (4) Consumo de mercadorias do complexo médico-hospitalar (remédios e equipamentos médicos, por exemplo); (5) Garantia de lucro para os donos dos planos de saúde e hospitais através da exploração do trabalho do médico. (DONNANGELO, 1979; NAVARRO, 1979; POLACK, 1971).

Nas alterações sofridas pela medicina como prática social através de sua extensão institucionalizada para o âmbito de toda a sociedade, não é apenas o cuidado médico que se generaliza, mas a normatividade da medicina. Essa normatividade é responsável pela definição de novos princípios referentes ao significado da saúde e da interferência médica na organização das populações e de suas condições de vida.

Normas de conduta, de higiene pessoal e ambiental, alimentar, do âmbito do trabalho ou do lazer, servirão então para disciplinar as diferentes classes sociais contribuindo para adequar seu comportamento às exigências da manutenção das relações sociais e para o consumo das mercadorias, explicitando a “dimensão 'pedagógica' da prática médica como expressão parcial do processo de reprodução das relações de classe”. Como por exemplo, no caso do álcool, para além do malefício que o uso excessivo pode causar para a pessoa individualmente, o etilismo também acaba prejudicando a produção, uma vez que leva trabalhadores a faltarem de suas funções.

A medicina cumpre um importante papel de atender ao alívio dos sofrimentos do corpo e da mente, sendo um mecanismo importante de prolongamento da vida. Por isso, lutamos em defesa do acesso aos serviços de para a classe trabalhadora, ainda que dentro do sistema capitalista. No entanto, entendemos que ao cumprir com esse papel a medicina também se caracteriza como mecanismo de contenção social. Por ser um importante fator de amenização do sofrimento favorece a desmobilização de movimentos potencialmente transformadores e colabora com a aceitação da ordem estabelecida, tornando a expansão do acesso à saúde um instrumento de manutenção da ordem.

Com relação à questão da reprodução da força de trabalho, objetiva-se manter uma quantidade de trabalhadores em condições de trabalhar, suficiente para ocupar os postos de trabalho e para compor uma reserva com vistas à reposição daqueles que se incapacitarem, morrerem ou se aposentarem. A força de trabalho tem como substrato o corpo do trabalhador e, para que este corpo possa realizar-se como tal, sua anatomia e fisiologia deverão estar preservadas; cabe fundamentalmente à Medicina preservá-las.

Há outro aspecto também importantíssimo no qual a medicina serve a reprodução do Capital que é a partir do consumo dos materiais que compõem o processo terapêutico e que vão desde produtos sempre renovados da indústria farmacêutica, até uma enorme variedade de equipamentos e maquinarias produzidas por muitos setores industriais esses produtos devem ser considerados como mercadorias cuja produção é externa à medicina, mas cujo consumo só se efetiva através dela.

Com o monopólio da definição do que é saúde, o que é doença e de indicar o procedimento mais adequado para cada situação, a Medicina capitalista acaba por gerar verdadeira adição do paciente consumidor aos produtos e procedimentos prescritos. As ações de saúde adquirindo “a forma que exigem as leis do mercado”, direcionam os indivíduos no consumo dos procedimentos diagnósticos e terapêuticos, dos medicamentos, dos suplementos alimentares, dos serviços das clínicas de repouso, contribuindo decisivamente para a realização do lucro

das indústrias farmacêuticas, alimentícias, equipamentos, leitos e móveis de hospital etc., ao vincular a cura com o ato de consumo, com a compra de um produto.

Quando consideramos a prestação privada de serviços médicos visualizamos ainda mais uma forma do Capitalismo se utilizar da medicina que é a da exploração direta do trabalho do médico pelo dono dos meios de produção (nesse caso o hospital privado, plano de saúde...). Ou seja, a exploração do trabalhador da saúde, o qual como qualquer outro vê o produto do seu trabalho ser apropriado por outrem e receber apenas parte do valor que produziu, garantindo o lucro dos donos dos planos de saúde. O processo de transformação do médico de sua antiga posição de profissional liberal, dono dos meios de produção, para a situação de proletário, que vende sua força de trabalho para em troca receber um salário, é cada vez mais evidente em nossa sociedade.

4. CONCLUSÕES

A presente revisão bibliográfica nos permitiu desvencilharmos de concepções que afirmam a medicina como imune ao desenvolvimento capitalista, pudemos concluir que há elementos suficientes ao longo da pesquisa para negar essa hipótese. Partimos então da concepção de que a medicina contribui na reprodução do sistema capitalista e a partir desse pressuposto pudemos destrinchar sob que mecanismos a medicina se subordina à lógica de reprodução capitalista.

Entendemos que, dessa maneira, pudemos realizar uma síntese de alguns importantes aspectos da relação entre medicina e Capitalismo, obviamente não há como esgotar as possibilidades de análise. Nosso objeto de estudo tem como característica fundamental a constante transformação e criação de novas inter-relações, precisamos entendê-lo como processo contínuo e intimamente ligado ao processo de desenvolvimento capitalista.

No decorrer da pesquisa nos desvencilharmos da concepção de que a medicina só serviria ao capitalismo através da utilização da saúde como mercadoria pelos planos de saúde e da geração de mais-valia diretamente através da exploração do trabalho médico. Desenvolvemos durante o trabalho os diversos aspectos em que a medicina contribui na reprodução do sistema capitalista. Esse entendimento foi essencial para compreendermos que os serviços de saúde pública não se contrapõem a lógica capitalista, muito pelo contrário, contribuem na manutenção e reprodução do sistema.

Essa conclusão tem um fundo político muito importante, pois serve de alerta aos atuais movimentos sociais da necessidade de não mantermos nossas lutas presas ao campo da prestação de serviços públicos x privados ou a disputa entre aqueles que defendem mais Estado x menos Estado. Precisamos estar conscientes da necessidade de termos como perspectiva transformações sociais mais profundas e entendermos que a garantia de mais serviços públicos não garante nossa vitória, mas como uma conquista no interior da ordem capitalista pode ser desfeita dependendo da correlação de forças no seio da sociedade. A partir dessa constatação, romper com a concepção de que conquistas graduais no seio da sociedade capitalista teriam efeito cumulativo num processo de transição gradual e progressiva a uma outra conformação social, socialista.

Outra conclusão importante dessa pesquisa é a necessidade de se aprofundar em estudos que possam fornecer elementos para uma análise da realidade atual. Uma análise que traga elementos concretos sobre as formas pelas quais os serviços de saúde do Brasil se inserem na lógica de manutenção e reprodução do sistema capitalista.

BIBLIOGRAFIA

1. ALBUQUERQUE, G.S.C. *As determinações do capital sobre a formação do trabalhador na saúde: um estudo sobre reformulações curriculares em dois cursos de medicina do Paraná* / Guilherme Souza Cavalcanti de Albuquerque - Curitiba, 2009.
2. DONNANGELO, M. C.; PEREIRA, L. *Saúde e sociedade*. São Paulo: Duas Cidades, 1979.
3. NAVARRO, V. *La medicina bajo el capitalismo*. Barcelona: Editora Crítica, 1979.
- POLACK, J. C. *La medicina del capital*. Madrid: Editorial Fundamentos, 1971.